

## PENSANDO COM A IMAGEM

### Em busca das imagens: possibilidades de trilhar outros caminhos/respostas, afinal navegar é preciso

*Graça Regina Franco da Silva Reis*

*Agarrar a imagem não é fácil. Multifacetada e polivalente – concreta e abstrata, icônica e racionalizada, eficaz e mágica, estética e denotativa, funcional e incontrolável – ela escapa às visões analíticas, às grelhas quantificadoras, à matemática*

**[Calado, 1994, p.19-20]**



**A**s leituras formais e totalizantes que fazemos do mundo e sobre o mundo não nos permitem enxergar a riqueza do cotidiano. Reaprender a ver, superando e modificando nossa “cegueira epistemológica” (Oliveira, 2007), algo que advém da parcialidade de nossa visão é, para mim, desafiar o determinismo tão comumente encontrado nas pesquisas relacionadas à educação. Procuro, então, outras formas de ver, de acordo, é claro, com o que minha cegueira permite e nesse caminho dialogo com imagens(1) que desestabilizem algumas crenças perpetuadas pelos discursos que envolvem as escolas.

Entendendo as possibilidades contidas nas imagens, como Calado aponta na epígrafe acima, procuro refletir sobre produção de saberes e conhecimentos buscando enxergar aí miudezas cotidianas que não estão presentes nos discursos hegemônicos. Para isso, utilizo perguntas que trago como um sentido, um apoio para o meu caminhar, sem a pretensão das respostas definitivas, pois meu intuito é apenas flunar, entendendo que o melhor do processo está no caminho e este se faz caminhando. Navego, então, por “mares nunca dantes navegados” (2) , deixando que meu olhar brinque, descubra, interroge as, sobre e com as imagens investigadas.



De que forma essas imagens me ajudam a olhar as práticas nas quais tenho mergulhado nesta busca por *caminhosrespostas*? Uma das primeiras pistas que percebi foi a de que a polissemia apresentada pela imagem permite *olharverentreverinterpretar* "resíduos e dados marginais" (Pais, 1993, p. 108), daquilo tudo que é considerado irrelevante, ajudando a trançar redes de sentidos que me tornam mais próxima daquilo que de fato acontece nas escolas e salas de aula.

Outra pista que entrevejo neste mergulho é poder pensar essas imagens como outra possibilidade de interlocução entre professoras entendendo que suas histórias e práticas, *tatuadasestampadascarimbadas* nessas imagens carregam saberes específicos que podem dialogar com outros saberes. As redes criadas nessa busca de interseções podem trazer outras formas de pensarmos e estarmos nas escolas, trazendo para a discussão a importância de se produzir conhecimento coletivamente, pois somente assim, *a cegueira de uns pode ser minimizada pela capacidade de "ver" do outro* (Oliveira, id.ib.p.56).

Nesses *diálogosencontros* carregados de *marcasresíduos* entre professoras, suas práticas e histórias, possibilitados por meio das imagens das salas de aula, percebo o desenrolar de ações educativas efetivas, num constante reinventar dos currículos escolares, desinvisibilizando modos contra-hegemônicos de produção de práticas educativas.

Nestes *caminhosnavegados*, descubro uma pluralidade de saberes que modificam relações entre o poder instituído e a vida cotidiana, possibilitando outras formas de ver as escolas e o que se passa nelas.

(1) *As imagens aqui apresentadas se referem a produções e atividades das turmas de 5º ano de 2008 do CAP/UFRJ.*

(2) *Luís de Camões em os Lusíadas.*

## REFERÊNCIAS

- CALADO, Isabel. *A utilização educativa das imagens*. Porto: Porto, 1994.
- OLIVEIRA, Inês B.. Aprendendo nos/dos/com os cotidianos a ver/ler/ouvir/sentir o mundo. IN: *Revista Educação e Sociedade*. Campinas, v.28, n.98, p: 73- 95, jan/abril, 2007: 47 – 72
- PAIS, José Machado. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

### **Sobre o(a) autor(a):**

*Professora do Colégio de Aplicação da UFRJ e mestranda do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UERJ, integrante do grupo de pesquisa: Redes de conhecimentos e práticas emancipatórias no cotidiano escolar.*